

O funcionamento semântico-enunciativo da palavra *companheiro* em discursos políticos de Lula

El funcionamiento semántico-enunciativo de la palabra companheiro em discursos políticos de Lula

The semantic-enunciative functioning of the word *companheiro* in Lula's political discourses

Kelly Cristini Granzotto Werner¹

RESUMO: A partir do lugar teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento, área de estudos da significação iniciada por Guimarães (2017), o presente trabalho tem como objetivo analisar os sentidos da palavra *companheiro*, recortada de discursos políticos de Luís Inácio Lula da Silva. Por esse viés teórico, é necessário observar a relação do sentido de uma palavra com a história e como ele é afetado por um acontecimento. Fazemos, então, um percurso das ocorrências de *companheiro*, considerando os sentidos que vai tomando no decorrer da história e em alguns discursos de Lula. Partimos do sentido etimológico, dado pelo dicionário, comparando-o com os sentidos produzidos pela palavra em funcionamento nos recortes selecionados. Os dicionários consultados foram *Caldas Aulete digital* (AULETE, 2007) e *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009). Os recortes feitos são de discursos proferidos em 2003 e 2007, por ocasião da posse como presidente do Brasil, e de outros dois pronunciamentos em 2016 e em 2018. As análises revelam os efeitos de sentido dessa palavra na enunciação de Lula, em sua relação com a história e a política, ora repetindo sentidos já estabilizados, ora inaugurando outros sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica do acontecimento. Discurso político. Sentido. *Companheiro*.

RESUMEN: A partir del lugar teórico-metodológico de la Semántica del Acontecimiento, área de estudios de la significación introducida por Guimarães (2017), el presente trabajo tiene por objetivo analizar los sentidos de la palabra *companheiro*, recortada de discursos políticos de Luís Inácio Lula da Silva. Desde ese marco teórico, es necesario observar la relación del sentido de una palabra con la historia y cómo este es afectado por un acontecimiento. Hacemos, entonces, un recorrido por las ocurrencias de *companheiro*,

¹ Professora do Colégio Politécnico da UFSM. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria / UFSM. Mestre em Letras – UFSM. E-mail: kcgbr@yahoo.com.br

considerando los sentidos que va tomando en el transcurrir de la historia y en algunos discursos de Lula. Partimos del sentido etimológico, dado por el diccionario, comparándolo con los sentidos producidos por la palabra en funcionamiento en los recortes seleccionados. Los diccionarios consultados fueron *Caldas Aulete digital* (AULETE, 2007) y *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009). Los recortes hechos son de discursos proferidos en 2003 y 2007, en ocasión de la toma de posesión como presidente de Brasil, y de otros dos pronunciamientos en 2016 y en 2018. Los análisis revelan los efectos de sentido de esa palabra en la enunciación de Lula, en su relación con la historia y la política; en algunos momentos, repitiendo sentidos ya estabilizados, y en otros, inaugurando nuevos sentidos.

PALABRAS CLAVE: Semántica del acontecimiento. Discurso político. Sentido. *Companheiro*.

ABSTRACT: From the theoretical and methodological perspective of Semantics of the Event, field of study of meaning initiated by Guimarães (2017), the present study aims at analysing the meanings of the word *companheiro*, extracted from Luís Inácio Lula da Silva's political speeches. Through this theory, it is necessary to observe the relation of the meaning of a word with the history and how it is affected by an event. A pathway of *companheiro* occurrences is, hence, made, regarding the meanings appropriated by the word along the history and in some of Lula's discourses. From the etymological perspective, given by the dictionary, we compare it with the meanings produced by the word executed in the selected contexts. The *Caldas Aulete digital* (AULETE, 2007) e *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009) were the used dictionaries. The selected contexts are from political discourses given in 2003 and 2007, in his inauguration as president of Brazil, and from other two speeches given in 2016 and 2018. The analyses show the effects of meaning of this word in Lula's enunciation, in his relation to history and to politics, repeating already stabilized meanings, on the one hand, and inaugurating other meanings, on the other.

KEYWORDS: Semantics of the Event. Political speech. Meaning. *Companheiro*.

Introdução ao Tema

A palavra *companheiro* circula em diferentes discursos na sociedade brasileira atual, inscrevendo-se nas esferas familiar, escolar, esportiva, religiosa, jurídica, sindical e política. Nesse sentido, tomar a palavra *companheiro* para estudo se justifica uma vez que é do uso cotidiano do brasileiro. Neste trabalho, observamos sua ocorrência no discurso político, em alguns pronunciamentos públicos de Luís Inácio Lula da Silva. Chama a atenção o uso intenso da palavra nos discursos políticos de Lula, antes e depois de ser Presidente do Brasil, e associado a isso a referência à sua pessoa, a um grupo, a uma determinada

ideologia, configurando-se, talvez, no imaginário, como uma marca, uma particularização.

Este estudo apresenta uma análise semântico-enunciativa da palavra *companheiro* nos discursos de posse do presidente Lula, em 2003 e em 2007, fazendo uma relação com a ocorrência da palavra em outros dois discursos proferidos posteriormente por ele (2016 e 2018). Fundamentadas na Semântica do Acontecimento, inaugurada por Guimarães (2017), buscamos saber como significa, nos referidos discursos, a palavra *companheiro*. Por esse viés teórico, é necessário observar a relação do sentido de uma palavra com a história e como ele é afetado por um acontecimento. Mobilizamos, então, as noções de designação, articulação, reescrituração e fazemos um percurso das ocorrências de *companheiro*, considerando os sentidos que vai tomando no decorrer da história e em alguns discursos de Lula. Partimos do sentido etimológico, dado pelo dicionário, comparando-o com os sentidos produzidos pela palavra em funcionamento nos recortes selecionados. Os dicionários² consultados foram *Caldas Aulete digital* (AULETE, 2007) e *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Pressupostos Teóricos

Para proceder ao trabalho analítico da palavra selecionada, mobilizamos os conceitos de designação, reescrituração, articulação e determinação propostos por Guimarães (2005, 2017), em estudos que vêm configurando a Semântica do Acontecimento (2017). Essa semântica histórica da enunciação compreende os

² Consultamos 6 dicionários de língua portuguesa e observamos o verbete e suas definições, entre eles *Caldas Aulete digital* (AULETE, 2007), *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete* (AULETE, 1974), *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1955), de Antenor Nascentes, *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa* (BUENO, 1974) de Francisco da Silva Bueno. Dentre eles, escolhemos dois, e isso se justifica porque são acessíveis e tradicionais no Brasil. Também consultamos alguns dicionários de Sociologia e de Política, a fim de encontrar a palavra *companheiro*, mas, ela não ocorre em nenhum dos observados, talvez porque não seja um conceito.

processos semânticos desde a perspectiva materialista. Segundo o autor, tal semântica se estabelece, considerando que os sentidos são produzidos pelo acontecimento de linguagem, de enunciação.

O acontecimento, que é constituído de língua, de sujeito, de temporalidade, da materialidade histórica do real, caracteriza-se como o funcionamento da linguagem nos espaços de enunciação. Eles não são espaços materiais, não dizem respeito necessariamente a lugares fixos (embora possam coincidir em algum caso com os espaços geográficos), tampouco são cronológicos. Na verdade, são afetados pelas condições sócio-históricas de produção do dizer, de modo que Guimarães (2017) defende que se constituem a cada enunciação. Ou seja, quando um eu fala (Lula fala, por exemplo), o espaço de enunciação se instaura. São espaços políticos, espaços de disputas pelas palavras, onde se configuram os conflitos entre os falantes³.

É preciso atentar para o entendimento de Guimarães sobre o político. Para o semanticista, é o “conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”. (GUIMARÃES, 2017, p. 22).

A enunciação ou a assunção de uma palavra ocorre em cenas enunciativas. Estas se caracterizam por “constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas.” (GUIMARÃES, 2017, p. 31).

Quando se fala em figuras da enunciação, admite-se que há diferentes formas de assumir a palavra e enunciar. Há mais de uma possibilidade de distribuição dos lugares de dizer. Estes são configurados pelo funcionamento da língua na cena enunciativa. Nesse sentido, tem-se: o Locutor (L), que é o falante, aquele que se põe no lugar de quem enuncia, ou seja, quem “assina” o discurso; o locutor -x (l), que se refere ao lugar social do locutor (no nosso exemplo,

³ Aqui não se trata o falante como figura empírica. Guimarães (2003, p. 23) considera que os falantes não são indivíduos, mas são pessoas afetadas e determinadas pelas línguas que falam. “São figuras políticas constituídas pelos de espaços de enunciação.” Passam por um agenciamento enunciativo que é de natureza política. Logo, o falante é concebido como uma categoria linguística e enunciativa.

presidente, sindicalista, presidente do PT, operário); e o Enunciador (E), que reporta aos lugares de dizer, projetando vozes de outros nesse dizer. Guimarães (2017) entende que o enunciador pode se apresentar como individual (dizer independente da história; efeito de origem), genérico (dizer independente da história e que produz apagamento do lugar social. Exemplo: ditos populares, provérbios), coletivo (voz de um grupo como única voz; dizer compartilhado) e universal (dizer sob juízo do verdadeiro/falso. Exemplo: discurso científico).

O agenciamento das figuras da enunciação instaura correlatos necessários. O agenciamento do falante em Locutor (L) instaura a alocação, o Alocutário (AL); o locutor-x (l) corresponde ao alocutário-x (al-x); e o Enunciador (E), ao destinatário. No discurso político, é provável que consigamos ver em movimento os lugares de dizer e de projeção de destinatários de modo bem variado.

Com essa semântica, Guimarães (2017) busca compreender o modo como os sentidos se produzem, passando do enunciado para o texto, para o acontecimento. Por exemplo, a palavra *companheiro*, enquanto forma linguística, significa na relação entre a história de sentidos que se produziram sobre ela no passado, que se produzem no presente do acontecimento e que se produzirão num futuro latente, potencial. Nesse caso, os acontecimentos enunciativos da tomada da palavra de Lula, nos seis discursos, por nós selecionados, constituem sentidos para a designação *companheiro*, instaurando temporalidades específicas para cada um (passado, presente, futuro).

O sujeito dessas enunciações (Lula, enquanto governante e ex-governante) é constituído por essas temporalidades, não sendo o dono desses acontecimentos nem dessas temporalidades. Não é a origem do tempo da linguagem, visão que se tem com Benveniste (1974). Tampouco são pessoas, são lugares de dizer. Por isso, Guimarães (2017, p. 16) vai dizer que “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento”. A forma *companheiro* será posta em relação com as figuras da enunciação pela cena enunciativa. Quando um eu fala (Lula, no nosso objeto

de análise), a língua acontece, e ela está constituída da história (no caso, a designação *companheiro* também).

Para melhor entender o funcionamento semântico dos nomes na enunciação, o autor propõe a diferenciação de uma tríade: nomeação, referência e designação. Para nós, muito nos interessa, uma vez que nos propusemos a compreender a designação *companheiro* no discurso político de Lula.

O processo de nomeação consiste em dar um nome, identificar, dar existência a algo/alguém no mundo e, por isso, é anterior à designação. Também significa distinguir, marcar, rotular, etiquetar. A designação, por sua vez, é a significação de um nome em relação a outros, à história, ao acontecimento. Está ligada ao que o nome significa no acontecimento, na enunciação. Ou, nas palavras de Guimarães (2017, p. 81), "é uma relação linguística de sentido enquanto exposta ao real. Deste modo, a relação linguística é uma relação tomada na história." Por fim, a referência é "um procedimento linguístico pelo qual se particulariza algo na e pela enunciação." (GUIMARÃES, 2003, p. 20). Ou seja, é um elemento de localização, de sinalização no texto. Ela não é a significação do nome, mas a indicação do que ele refere.

Retomamos de Guimarães (2009) dois funcionamentos básicos da enunciação: a articulação e a reescrituração.

Começamos pela articulação. Este procedimento de análise diz respeito às relações de contiguidade, ou seja, da junção de uma ideia com outra, materializada linguisticamente por palavras que têm essa função, por exemplo, as conjunções. O autor (GUIMARÃES, 2009) considera três modos diferentes de articulação: por dependência, por incidência e por coordenação. Fazendo uma relação com o discurso político de Lula e a possível ocorrência da palavra *companheiro*, poderíamos propor "os companheiros de Lula" (dependência), "os companheiros e as companheiras" (coordenação) e "até o companheiro Alencar veio" (incidência).

A reescrituração é o procedimento em que se diz novamente o que já se disse. Consiste no redizer. É repetição. Guimarães (2017, p. 38) afirma que "é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu

presente". O movimento de reescrituração pode se dar no interior do texto e entre textos, através de modos diversos como, por exemplo, via substituição, repetição, elipse, expansão, condensação e definição. Os modos de reescrituração, expansão e condensação, podem produzir sentidos de diferentes maneiras. A retomada pode produzir sinonímia, especificação, generalização, continuidade, enumeração, totalidade.

Guimarães ressalta que os modos de funcionamento enunciativo, a articulação (contiguidade) e a reescrituração (retomada), podem produzir coexistência de funcionamentos e de sentidos. A percepção disso só será possível a partir das análises.

Percurso Histórico da Palavra *Companheiro*

As palavras, além de acepções/definições legitimadas no dicionário, têm um percurso histórico, são constituídas de historicidade, carregando significados e sentidos a mais dos estabilizados. Os sentidos não são fixos. Bréal (2008), em seu *Ensaio de Semântica* (1897), trata entre outras questões, do que provoca a mudança de sentido das palavras, mostrando que ele se dá numa relação com o mundo, com a história. Então, esses elementos são responsáveis pela mudança e ela ocorre na prática da linguagem.

Ao tratar desse assunto, Guimarães (2008, p. 13) afirma que "a ação da vontade humana se pauta por aquilo que já há na língua", ou seja, a mudança parte da primeira palavra e do primeiro sentido dela. A história faz com que a palavra ganhe outros sentidos, mas não apaga, não dissolve o primeiro. Portanto, a mudança parte da relação com a palavra primeira. Cereja (2014, p. 203) afirma que "a palavra é sua história". O autor fez um estudo sobre a palavra *companheiro*, pela perspectiva teórica de Bakhtin, em 2005, e destaca as atualizações de sentido. Afirma que *companheiro*, nas últimas quatro décadas, tem feito parte dos discursos de natureza político-ideológica, configurando-se, portanto, em um exemplo de como os sentidos da palavra se atualizam de acordo com a situação sócio-histórica.

Perguntamo-nos: será que hoje a palavra segue sendo utilizada no contexto político? Caso sim, os sentidos são os mesmos descritos por Cereja? Para melhor compreender o funcionamento da palavra e seu possível deslizamento de significações, é preciso considerar que a constituição de seus sentidos se produz no interior do acontecimento enunciativo, na relação histórica e política. (GUIMARÃES, 2017).

Traçamos um breve percurso histórico da palavra *companheiro* na tentativa de melhor compreender os sentidos que ela pode vir a ter no discurso analisado neste trabalho. Partimos da etimologia, consultando dois dicionários, *Dicionário online da Língua Portuguesa, Caldas Aulete* (AULETE, 2007), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009) para observarmos quais sentidos são estabilizados por esses instrumentos linguísticos (AUROUX, 2014). Da perspectiva teórica-metodológica que nos embasamos, é preciso levar em conta, ao percorrer uma palavra através do tempo, no dicionário, que o político também trabalha no movimento que se estabelece entre a escolha da entrada (palavra/verbo) e sua definição. Essas ações não são aleatórias.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), há quatro acepções para o verbo:

[...] *companheiro* adj.s.m. (1297) **1** que ou o que acompanha, faz companhia ou vai na companhia <cachorro c.> <c. de viagem> s.m. **2** aquele que participa das ocupações, atividades, aventuras ou do destino de outra pessoa **3** homem, em relação à mulher com quem convive maritalmente **4** us. Como interlocutório pessoal <- *Posso passar por aqui, c.?*> ETIM *companha* + *-eiro* SIN/VAR ver sinonímia de sócio e antonímia de adversário. ANT ver sinonímia de *adversário*.

Esse dicionário classifica a palavra como um adjetivo masculino e apresenta o primeiro registro da mesma em 1927. Faz referência à etimologia, indicando que vem de *companha* com a adição do sufixo *-eiro*. Se fizermos um exercício que vem sendo denominado por palavra-puxa-palavra (SCHERER; PETRI, 2016; SILVA, 1996), que considera que um verbo remete a outros no interior do dicionário, podemos buscar a palavra *companha* para saber mais sobre *companheiro*.

[...] *Companha* s.f. (s. XIII) 1 ant. grupo de pessoas que seguem juntas; grupo de pessoas, montadas ou apeadas, que acompanham alguém nas montarias, jornadas, etc. 2 MAR gente encarregada da manobra dos panos a bordo; equipagem de navio mercante, marinhagem 3 PSC associação de pescadores 4 PSC guarnição de barco de pesca por arrastão 5 Mil ant. m. q. *COMPANHIA*. S. 2g. 6 companheiro, camarada. Ir sem c. ir só. ETIM lat. Vulg. **companiā*, formado de *cum* 'com' + *panis* 'pão', paralelo ao lat. Gaul. *compnaio*

Observamos que *companha*, oriunda do Latim Vulgar, tem o primeiro registro no séc. XIII. Tem-se *companiā*: *cum* (com) + *panis* (pão). Ou seja, aquele que come o pão junto. O dicionário etimológico de Antenor Nascentes (ou de Francisco Silveira Bueno) também traz a origem e apresenta a noção de partilha, de comunhão para os dois verbetes. Também chama a atenção a acepção 6 em que *companheiro* e *camarada* são apresentados como sinônimos, na mesma definição.

Prosseguindo nesse movimento de remissão, buscamos por *camarada*.

[...] *camarada* adj. 2g. (1610) 1 que expressa, demonstra ou resulta de sentimento de companheirismo, amizade, simpatia <*gesto c.*> <*atitude c.*> 2 p. ext. que expressa um favor esp. Concedido <*preço c.*> <*fizeram-lhe uma proposta c.*> 3 fig. Que é favorável, propício; bom, agradável <*o tempo foi c. e as praias ficaram cheias*> s. 2g. 4 pessoa que convive ou coabita com outra, esp. dormindo no mesmo recinto, ou com a qual se têm atividades em comum; companheiro de armas, de batalhão, de regimento etc.; soldado 7 pessoa amancebada a outra; amante com quem se mora; amásio 8 B *infrm.* Indivíduo, pessoa <*esse c. vive falando mal de todo mundo*> 9 us. Como interlocutário pessoal <*vem cá, meu c., vamos conversar um pouco*>
ETIM *Câmara* + *-ada*, prov. por infl. do fr. *camarade* 'companheiro'
SIN/VAR ver sinonímia de *concupina* e antonímia de *adversario*
ANT ver sinonímia de *adversário*

Esse dicionário indica como primeiro registro da palavra o ano de 1610. Embora coloque *camarada* no sentido de *companheiro*, tem origem francesa. Antenor Nascentes acredita que *camarada* vem de *câmara*, que é quarto. A relação de sentido é próxima, *companheiro* de quarto, aquele com quem se divide o espaço íntimo. Traz nove definições para a palavra e nenhuma delas apresenta sentido político-ideológico. Da mesma forma, essa conotação não foi registrada em *companheiro* nem em *companha*. Após observar os três verbetes nesse dicionário, podemos concluir que: a maior parte das acepções que lhes são

atribuídas perpassa o sentido de comum, atividade comum com outro, de ser solidário; as datas de primeiro registro revelam que a palavra *companheiro* veio antes de *camarada*.

No *Dicionário online da Língua Portuguesa, Caldas Aulete* (AULETE, 2007), são indicadas sete acepções para a palavra *companheiro*:

(com.pa.nhei.ro)

a.

1. Que acompanha alguém (animal companheiro)
 2. Que acompanha alguma coisa, combinando com ela: *sapato e bolsa companheiros* sm.
 3. Aquele ou aquilo que acompanha, faz companhia
 4. Aquele que tem uma convivência íntima e harmoniosa com alguém, com mútua proteção, ajuda, compartilhamento etc.; CAMARADA; PARCEIRO
 5. Homem casado, ou que vive maritalmente com uma mulher, em relação a esta
 6. Forma de tratamento entre amigos, camaradas, conhecidos etc., ou eventual, como chamamento: *Ei, companheiro, você pode me ajudar a tirar o carro da vaga?*
 7. Astron. Estrela companheira (2), que forma com outra um sistema de duas estrelas (sendo ou não visível)
- [F.: *companha* (séc. XIII 'grupo de pessoas que seguem juntas') + -*eiro*]

Percebemos que a ideia de atividade comum também se reitera nas descrições desse dicionário. Além disso, remete à origem da palavra e aponta como sinônimo de *companheiro*, camarada, parceiro. Vejamos como apresenta *camarada*.

(ca.ma.ra.da)

s2g.

1. Pessoa que compartilha com outra qualquer forma de atividade ou uma habitação; COLEGA: *Meus camaradas de trabalho/ de quarto/ de aventuras*
2. Pessoa ligada a outra por amizade: *Esse aí é o meu grande camarada!*
3. Um indivíduo qualquer: *O camarada não quis conversa*
4. Companheiro de armas, de regimento, etc.
5. Indivíduo que tem a mesma ocupação ou profissão de outro, que pertence ao mesmo grupo etc.: *Esses são meus camaradas da Ordem dos Advogados*
6. Companheiro de militância política de esquerda, esp. comunista: *Camaradas! Chegou a hora da revolução!*
7. Trabalhador temporário em propriedade rural
8. Pessoa que vive maritalmente com outra; amante

a2g.

9. Que resulta (atitude, gesto etc.) de um sentimento de companheirismo, de amizade

10. Que revela favorecimento; que é propício, vantajoso: *Vendeu o carro por um prequinho camarada*

11. Bom, estimulante, agradável: *Um solzinho camarada levou todo mundo à praia*

sm.

12. Bras. Gir. Aguardente, cachaça

[F.: Do fr. *camarade*.]

Traz doze acepções para o verbete, mas o que chama a atenção é a 6, em que *camarada* é definido como *companheiro* de militância política de esquerda, e, no caso, referido ao Comunismo. Vemos então a designação *companheiro* sendo especificada de modo diferente do dicionário anterior. Essa acepção está no dicionário online (AULETE, 2007), mas não está no impresso (AULETE, 1974). De todos os dicionários que consultamos, este é o único que traz essa definição de natureza política para a palavra.

A partir do encontrado nos dois dicionários, vemos que as acepções para a palavra *companheiro* mostram seus significados, ou, dito de outro modo, os seus potenciais sentidos. Porém, sem observar a sua enunciação não podemos conhecer seus sentidos de fato. Além disso, percebemos que *companheiro* e *camarada* são apresentados como sinônimos.

Passemos agora a observar o valor político-ideológico das duas palavras no Brasil.

No cenário político, encontram-se usos de *camarada* e *companheiro*. O dicionário de Caldas Aulete traz a palavra *camarada* e sua definição (acepção 6) relacionada ao comunismo, na Europa, que preferia usar *camarada* em vez de *companheiro*. Segundo Cereja (2014, p. 210), a palavra *camarada* historicamente ganhou sentido de “partidário de uma causa revolucionária” entre os séculos XVIII e XIX, no contexto da Revolução Russa.” Depois também foi usada na Revolução Russa.

No contexto latino-americano, a ocorrência é de *companheiro*, bastante presente nos discursos revolucionários em Cuba (Fidel Castro, Ernesto Che Guevara) e também de personalidades políticas em cargos de presidentes de

nações, como a Venezuela, com Hugo Chávez e Nicolás Maduro, Cuba, com Fidel Castro e Raúl Castro, Equador, com Rafael Correa, Bolívia, com Evo Morales, Uruguai, com José Mujica e Brasil, com Luis Inácio Lula da Silva.

No Brasil, segundo Cereja (2014), a designação *companheiro* se apresenta, na segunda metade do século XX, como um ícone do discurso socialista. Para esse autor, o sentido de “parceiro” ou “acompanhante” foi ampliado para o sentido de “iguais”, ou seja, todos seriam iguais. Essa ideia socialista está presente no continente e não só no Brasil. Ela se manifesta em outros discursos como a música, o cinema, a literatura, o jornalismo, a igreja católica. Para ilustrar, lembremos de Victor Jarra com sua canção e de Fernando Gabeira com o livro *O que é isso, companheiro?* (1979)

Com a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), nos anos 80, a palavra *companheiro* ganhou força e passou a ser usada para indicar os filiados ou os militantes. Ela já vinha sendo utilizada no movimento sindical por Lula e seus colegas operários, sindicalistas. Já a palavra *camarada* se restringiu a outros grupos, relacionados ao Partido Comunista. Ou seja, houve uma separação. Conforme Cereja (2014, p. 210), *camarada* se referia “aos partidos que apoiavam as orientações do socialismo soviético, ao passo que *companheiro* passou a designar militantes de todas as outras tendências políticas de esquerda.” Comungamos da ideia desse autor de que o PT teve papel decisivo na utilização da palavra *companheiro* e também na disseminação de seu sentido ideológico. A palavra se tornou parte do discurso político petista, quase como um símbolo, usada em situações (in)formais, e recordemos disso nos discursos de posse de Lula para presidente da nação. A palavra ganha outros espaços de enunciação e os sentidos se revelam.

Passemos agora a observar e analisar os discursos de Lula, buscando conhecer os sentidos da palavra *companheiro*. Será que se mantém esse sentido político ideológico de esquerda? Será que revisita sentidos outros já estabilizados pelos dicionários? Ou ainda que sentidos outros podem surgir?

O Corpus e Recorte do Corpus

Constitui o *corpus* deste estudo o conjunto de discursos proferidos por Lula em diferentes períodos. Foram selecionados: o discurso de posse do presidente Lula em 2003, no Senado Federal para os senadores e autoridades e no Parlatório para a nação brasileira; o discurso de posse no Senado e no Parlatório, em 2007, no segundo mandato; discurso contra o *impeachment* da presidente Dilma Roussef, em 2016; e o último discurso antes da prisão, em 2018. Em síntese, formam parte do nosso *corpus* 6 discursos.

Para um gesto de análise, que não se configura como exaustivo, fizemos um recorte de sete sequências enunciativas (SE), retiradas de seis discursos do período já mencionado, com o intuito de observar como significa a designação *companheiro* nas enunciações de Lula, no transcurso desse período histórico.

O Funcionamento da Palavra *Companheiro* no Discurso Político de Lula: uma Análise Semântico-Enunciativa

A palavra *companheiro* foi usada abundantemente nos discursos formais e informais de Lula em diferentes momentos de enunciação, seja em movimentos políticos, comícios, campanhas à presidência, entrevistas, discursos de posse, pronunciamentos pós-presidente. Tanto isso é verdade que chamou de *companheiro* o presidente dos EUA, George W. Bush, em 2002⁴, quando fazia campanha eleitoral para a presidência do Brasil. Essa designação, mostrada materialmente como um adjetivo, foi amplamente comentada porque as filiações ideológicas de Lula e de Bush diferem, embora aquele tenha dito que foi uma brincadeira. Ou seja, o locutor-candidato reconhece que a designação não coincide com o referente.

No discurso de posse à presidência do Brasil, em 2003, proferido por Lula, no Senado Federal para Senadores e autoridades, há três ocorrências da palavra

⁴ A notícia foi publicada pela Veja em 17/10/2002, com o título *Lula quer debater Alca com 'companheiro Bush'*. (ALENCAR, 2002).

companheiro. Ela aparece pela primeira vez em um discurso presidencial de posse, adquirindo um lugar inaugural. O recorte abaixo (SE 1), configura-se em uma cena enunciativa na qual o Locutor, que é Lula, toma a palavra como locutor-presidente.

SE 1 – Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao *meu bravo companheiro José Alencar*[...] O que nós estamos vivendo hoje, neste momento, *meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil*, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo. (01/01/2003)⁵

A primeira ocorrência se refere ao vice-presidente eleito José Alencar, o alocutário. Ela se dá num extenso grupo nominal destacado na SE 1, em que *companheiro* funciona como adjetivo, que também foi caracterizado por “bravo”. Além disso, percebemos o funcionamento semântico da determinação⁶ nesse grupo nominal, quando utiliza o determinante “meu”. Vale lembrar que José Alencar, era do PMDB, de 1993 a 2002, depois de 2002 a 2005 foi do PL e de 2005 a 2011, do PRB. Dizer *companheiro* para Alencar que é empresário, patrão, senador de partido conservador não foi em tom de brincadeira ou de ironia. Tampouco teria o sentido da comum militância ou ainda daquele com quem se divide o pão ou quarto, ou seja, partilha-se a intimidade, sentido etimológico da palavra. Na situação enunciada, pode ter o sentido de parceiro, colega de candidatura, mas pode ter um sentido mais amplo que esse. Isso, corroborado pelo possessivo “meu”, que é uma marca da subjetividade do eu que fala, permite dizer que o locutor-chefe do governo mobiliza um enunciador-individual. Ao mesmo tempo, instaura-se o alocutário-vice-presidente.

Na segunda ocorrência, a designação *companheiro* se reescritura textualmente pelo procedimento de expansão que produz uma generalização,

⁵ Discurso na íntegra acessado em:

www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/

⁶ A determinação se efetiva como funcionamento semântico por meio de signos que operam na língua como determinantes, qualificadores, que normalmente precedem um nome. Entre os que cumprem essa função estão os artigos, os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos.

assegurada pela flexão de gênero e número; também produz uma sinonímia, dada por “irmãos e irmãs”; Além disso, ocorre o funcionamento semântico da determinação, quando Lula diz “meus” e “minhas”. Refere-se ao povo brasileiro, aos homens e às mulheres, que são seus irmãos e suas irmãs e com os quais compartilha o pão no solo brasileiro. Por fim, percebemos o funcionamento da articulação com a conjunção aditiva “e”. O lugar social que ocupa exige que haja a generalização, não deve governar para um grupo, e sim para todos. O sentido político-ideológico de esquerda também se produz nessas duas incidências. Então, as marcas linguístico-enunciativas dessa segunda ocorrência revelam um locutor-presidente, que se coloca na posição coletiva, o enunciador-coletivo.

Em síntese, na SE 1, predominam o enunciador-individual e o enunciado-coletivo.

No discurso pronunciado à nação, no Parlatório do Palácio do Planalto, após a cerimônia de posse, em 2003, encontramos dezenove ocorrências da palavra *companheiro*. Produzem-se vários sentidos aplicados a diferentes referentes. Observemos a sequência enunciativa a seguir:

SE 2 – *Meus companheiros e minhas companheiras*,
Excelentíssimos senhores chefes de Estado presentes nesta solenidade,
Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil,
Meu querido companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República,
Minha companheira querida, Dona Mariza, esposa do José Alencar,
Minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é só meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança. [...] Antes de mim, *companheiros e companheiras* lutaram. Antes do PT, *companheiros e companheiras* morreram neste país, lutando para conquistar a democracia e a liberdade. (BRASIL, 2003).

Neste recorte, a cena enunciativa que se apresenta, mostra o locutor-presidente, empregando a designação de forma genérica e específica, dependendo do destinatário, sendo o uso, na maior parte das vezes, como vocativo. Como referência genérica, temos a primeira ocorrência e as duas últimas. Na primeira, utiliza-se de um vocativo, acompanhado pelos determinantes “meus” e “minhas” para projetar o alocutário, os cidadãos

brasileiros. Nesse sentido, *companheiro* não é somente uma saudação, mas ganha significação de ser solidário. A nosso entender, Lula saúda àqueles com os quais se solidariza, o povo.

Nas duas últimas menções, a designação se reescritura por repetição, agora projetada para outro alocutário, um grupo, os militantes de esquerda perseguidos e mortos antes da fundação do PT. Se observarmos a integralidade do discurso, veremos que a referência genérica se amplia a integrantes do PT em diferentes Estados e ainda a portadores de necessidades especiais que se fizeram presentes na ocasião. Nesse caso, o locutor-presidente, oscila entre os lugares de dizer, como enunciador-individual e enunciador-universal e projeta alocutários diferentes, que estão em lugares de dizer marcados na materialidade linguístico-enunciativa, como alocutários-cidadãos brasileiros, alocutários-primeiros militantes de esquerda, como alocutários-deficientes.

O sujeito da enunciação faz uso de *companheiro* como referência específica a pessoas determinadas, como o vice-presidente e sua esposa, Mariza. Em outro momento desse discurso, também se refere à primeira dama Marisa. Nesses casos, o dizer do locutor-presidente se apresenta por um enunciador-individual que projeta alocutários também individuais, a saber: alocutário-vice-presidente e alocutário-cônjuge.

Notamos a oscilação de conotações da palavra e chamamos a atenção novamente para o sentido político-ideológico que se mostra na referência explícita aos militantes da causa do povo, antes do PT, e também na referência a José Alencar, que, nesse período, era do PL. A nosso ver, mesmo que o aposto explicativo (“meu vice-presidente da República”), usado pelo locutor-presidente, não significa apenas aquele que acompanha o presidente na função de chefe da nação, mas mostra-se como aquele que governa acompanhado de alguém que não tem a mesma orientação política. Também percebemos o movimento de deslocamento entre os lugares de dizer. A materialidade enunciativa presente no recorte anterior, assim como no discurso inteiro, mostra o uso intenso de *companheiro* pelo locutor-presidente, direcionado a vários destinatários,

legitimando o seu dizer e se afirmando como o presidente de todos, do povo, o *companheiro* do povo.

Já no discurso de posse no Senado Federal, em 2007, pela ocasião do segundo mandato à presidência, registram-se duas ocorrências da designação *companheiro*. Uma delas referida à sua esposa e outra ao vice-presidente José Alencar. Ao dizer “minha companheira Marisa”, Lula está saudando a cômjuge, mas também a militante de seu partido. Então, a palavra designa o sentido jurídico e o político. Já, ao se referir ao vice-presidente, outro sentido se instaura, como podemos observar na sequência abaixo.

SE 3 – Tenho a meu lado, como em 2003, *o amigo e companheiro José Alencar*, cuja colaboração inteligente e leal tornou menos árduas as tarefas destes quatro anos. E assim o será no Governo que se inicia. Tudo é muito parecido, mas tudo é profundamente diferente. (BRASIL, 2007)⁷

Na SE 3, o acontecimento configura uma cena enunciativa na qual o Locutor toma a palavra como locutor-presidente da nação, só que pela segunda vez. No extenso grupo nominal destacado, o trabalho da caracterização (amigo – companheiro) e da determinação (meu) vai produzindo o sentido da ampliação de qualificações para o alocutário-vice-presidente pelo locutor-presidente, cujo dizer representa um lugar de enunciador-individual. Isto é, além de companheiro (aquele que o acompanha na presidência, que compartilha da mesma proposta política, mas não era de esquerda), característica que já possuía no primeiro mandato, no segundo, também é amigo. Os sentidos produzidos mudam conforme o acontecimento, e isso é corroborado no último enunciado da SE 3. Convém lembrarmos que, no período temporal compreendido entre 2005-2011, José Alencar era do PRB, Partido Republicano Brasileiro.

Já no discurso à nação, em 2007, há sete ocorrências da palavra, sendo que quatro delas apresentam conotação político-ideológica, não sendo apenas

⁷Para ouvir o discurso de posse no Congresso Nacional, acessar <https://www.youtube.com/watch?v=Y60SMmMwFyA>.

vocativos aos cidadãos brasileiros, os alocutários do pronunciamento. Isso se evidencia em

SE 4 - Sou profundamente grato a essa convivência com *meu companheiro José Alencar*, meu vice-presidente da República. Este homem que, na minha opinião, também por obra de Deus, fez com que nós nos encontrássemos, e embora tivéssemos origens muito semelhantes, ele trilhou um caminho e eu trilhei outro: ele foi para a vida empresarial e se transformou num grande empresário, um dos maiores do nosso País, e eu trilhei o caminho do movimento sindical. (BRASIL, 2007).

Nesse caso, o locutor-presidente, que se posiciona como um enunciador-individual, lança mão de um aposto explicativo para o sintagma nominal "meu companheiro José Alencar". Isso produz o sentido para *companheiro* que concerne àquele que o acompanha na função da presidência, mas não se restringe a isso, conforme já dissemos na reflexão feita na SE 1. Naquela cena enunciativa, configurada a partir daquele acontecimento, o locutor-presidente, faz uma saudação ao alocutário-vice-presidente. Nesse caso, não. Na SE 5, continuação das palavras da SE 4, vemos que a qualificação *companheiro* é reforçada no discurso, uma vez que se reescritura em "companheirismo", um substantivo, que deriva de *companheiro* + *-ismo*, e passa a ter a definição de "Maneira amistosa de prestimosa de ser e de agir, própria de companheiro;" (AULETE, 2007).

SE 5 - E, por conta de vocês, eu me transformei numa pessoa importante na política brasileira, e quis Deus que um belo dia eu encontrasse o José Alencar em Belo Horizonte, ouvi um pronunciamento dele e, depois que o ouvi falar, eu saí de lá convencido de que nós tínhamos encontrado um jeito de unificar capital e trabalho na Presidência da República e na Vice-Presidência, e saí de lá convencido de que eu tinha conquistado o meu vice. E sou profundamente grato pela lealdade, pelo *companheirismo* e pela compreensão que este homem tem, da defesa dos interesses nacionais, dos interesses brasileiros. (BRASIL, 2007).

Observemos que o sujeito da enunciação, o presidente Lula, fala do *companheirismo* de Alencar em relação a causa do povo. Comungamos do entendimento de Cereja (2014, p. 215) que "companheiro é aquele que faz a

opção pelo povo”. Portanto, não diz respeito ao tratamento entre as pessoas de Lula e Alencar.

Embora não tenhamos feito o recorte, neste mesmo discurso, há uma ocorrência de “meus companheiros e companheiras” em que Lula se refere genericamente aos cidadãos brasileiros e diz “se me permitem tratá-los assim”. Isso mostra consciência do locutor-presidente, do lugar de dizer de enunciador-individual, sobre os sentidos que essa palavra pode produzir. Se pensarmos no sentido etimológico ou nos sentidos que ela assumiu com o discurso político, é pertinente a colocação do locutor-presidente.

Se compararmos o número de ocorrências da palavra nos quatro discursos referentes à posse, observamos que, nos do primeiro mandato, a quantidade é bem maior, são 22 contra 9 nos do segundo mandato. Os acontecimentos também mostram a designação *companheiro*, com sentidos já estabilizados que retornam, mas também sentidos que vêm se inscrevendo diferente. O comportamento das figuras enunciativas também oscila nessas enunciações.

Ao lançarmos um olhar para a designação *companheiro* para além dos discursos de posse, para além dos discursos enquanto locutor-presidente. Vamos notar que desliza bastante quando Lula, o Locutor, assume a palavra e enuncia num pronunciamento, num ato político no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, enquanto locutor-ex-mandatário do Brasil. Utiliza *Companheiro* no discurso em que critica o pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 05/04/2016.

SE 6 - “Eu não tenho nada contra o Michel Temer. A única coisa que eu poderia falar é: *companheiro Temer*, se você quer ser presidente da República, disputa eleição, meu filho. Vai para a rua pedir voto’, disse Lula, sob aplausos”.⁸

Na cena enunciativa, materializada na SE 6, que o acontecimento configura, temos o locutor-ex-presidente, falando de um lugar do dizer que é do enunciador-individual, para um alocutário-vice-presidente da República. Este alocutário é do PMDB, partido de direita-centro, e compôs candidatura por dois

⁸ Disponível em: <https://br.sputniknews.com/brasil/201604054021978-Lula-ato-metalurgicos-ABC/>.

mandatos com o PT, ao lado de Dilma Roussef. Tem-se a junção de esquerda e direita na presidência do país. Na materialidade enunciativa destacada no recorte, observamos o movimento textual da reescritura por repetição da forma *companheiro* no sintagma nominal "companheiro Temer". A forma linguística entra em funcionamento como caracterização de Temer, num sintagma que é um chamamento, um vocativo. A interpelação retorna em outro sintagma nominal "meu filho". O pronome de tratamento "você" também é uma forma da língua usada pelo locutor para se dirigir ao alocutário.

Lendo a SE 6, surge a questão: como pode designar por *companheiro* alguém que o acontecimento enunciativo revela como oponente? Seria a força do hábito? Seria uma ironia? Seria um resquício da parceria feita entre PT e PMDB, esquerda e direita, nos últimos mandatos?

Além disso, a materialidade enunciativa revela um jogo de forças, em que Lula se mostra superior a Temer, no âmbito político. A superioridade do locutor-ex-presidente, que toma a posição de enunciadador-individual, é dada pela experiência de candidaturas e também pelos dois mandatos na presidência do país. Isso lhe assegura a condição de opinar ao jornalista que lhe interroga e de dar um conselho a Temer. Tal recomendação parece a de um pai a um filho, ou seja, a de um político experiente em eleição em relação a alguém que é novato nisso. A SE 6 deixa antever ainda que o locutor, tomando o lugar de dizer de enunciado-universal, relembra indiretamente a Constituição Federal, que, entre outras coisas, regulamenta como alguém deve chegar à Presidência, isto é, via eleição. É um processo que inclui candidatar-se, fazer campanha, pedir voto e, por fim, votar. Assim, tanto enunciadador-individual quanto enunciadador-universal transmitem o recado ao alocutário Temer que, para ser presidente, deve se submeter à candidatura como primeiro nome, ao processo eleitoral, e não, assumir o cargo, a partir do deslocamento da vice-presidência, após duvidoso processo de *impeachment* da então Presidente. Notamos que a enunciação *companheiro* para Temer funciona, portanto, como ironia.

O último discurso feito por Lula, antes da prisão, em 07/04/2018, durou em torno de 55 minutos (19 páginas, em transcrição feita pelo jornal Folha de

São Paulo). Ali aconteceram 57 enunciações de *companheiro*. Isso revela o largo uso pelo político dessa palavra. Um estudo preliminar desse extenso pronunciamento mostra que os sentidos da designação são de conotação político-ideológica de esquerda, mas oscilam dentro da esquerda, ou seja, *companheiro* como partidário e filiado ao PT, como filiado a outros partidos de esquerda, como PSOL⁹ e PC do B. Também há os *companheiros* que são militantes das ideias de partilha que não estão filiados a partidos políticos. Os sentidos deslizam também para além da conotação política, quando *companheiro*, normalmente no plural, carrega os sentidos de amigos, de solidários com o locutor, de acompanhantes, de sindicalistas ou simplesmente de um vocativo. Trazemos a título de ilustração¹⁰ do que dissemos anteriormente sobre este acontecimento, a sequência enunciativa 7.

SE 7 – *Companheiro* Guilherme Boulos, *nosso companheiro* que está iniciando uma jornada sendo candidato a presidente da República pelo PSOL, mas é *um companheiro da mais alta qualidade*, que vocês têm que levar em conta a seriedade desse menino. [...] Os de gravatinha, que iam atrás de mim, agora desapareceram. Quem estão comigo são *aqueles companheiros* que eram meus amigos antes de eu ser presidente da República. São aqueles que comiam rabada aqui no Zelão, que comiam frango com polenta no Demarchi, aqueles que tomavam caldo de mocotó no Zelão. Esses continuam sendo nossos amigos.¹¹

Nas três primeiras ocorrências, a designação tem sentido político, afim com a acepção 6 para o verbete *camarada*, do *Dicionário online da Língua Portuguesa*, (AULETE, 2007), “6. *Companheiro* de militância política de esquerda, esp. comunista: *Camaradas! Chegou a hora da revolução!*” Ou seja, no dizer do locutor-ex-presidente, a palavra *companheiro* é um sinônimo de *camarada*, na conotação política já estabilizada. Pela materialidade enunciativa, esse locutor se

⁹ A título de exemplo, nesse pronunciamento, estavam presentes pré-candidatos à presidência do Brasil, como Guilherme Boulos do PSOL e Manuela D’Ávila do PC do B.

¹⁰ Assim classificamos porque entendemos que a riqueza desse discurso requer um trabalho posterior, que o tome como único objeto analítico. Nosso estudo é uma primeira contribuição no sentido de analisarmos a designação *companheiro* nos discursos políticos de Lula, pelo lugar teórico-metodológico de uma semântica-enunciativa materialista.

¹¹ Acessado: 7 de junho de 2018 em: <https://www.youtube.com/watch?v=mpdZixZJRmE>.

coloca na posição de enunciador-individual no primeiro e terceiro usos de *companheiro* e de enunciador-coletivo, no segundo uso, expressado pelo determinante “nosso”. O alocutário é o pré-candidato à presidência do Brasil por um dos partidos de esquerda, que não é o PT, mas sim o PSOL.

Na quarta ocorrência, a reescritura da palavra se dá por condensação e determinação. Ou seja, esses movimentos textuais se efetivam no grupo nominal que resume, restringe o grupo a apenas os que tinham amizade com Lula antes de ser presidente do Brasil e também na forma linguística “aqueles”, um demonstrativo que sinaliza no mundo o referente que o locutor quer apontar. Nesse uso, a designação *companheiro* significa “amigo”, “aquele que faz companhia”, sentidos estabilizados nos dois dicionários consultados neste trabalho. E ainda retoma o sentido etimológico, aquele com quem Lula dividia o pão, desde os tempos do trabalho como operário de fábrica e do movimento sindical. Há evidência para esse sentido no último enunciado do recorte.

À Guisa de Conclusão

A partir do estudo semântico-enunciativo realizado sobre a palavra *companheiro*, no *corpus* selecionado, compreendemos que é uma designação e que significa diferente nos acontecimentos em que se inscreve. Vimos, ao longo dos recortes, o movimento político na enunciação, na medida em que há uma disputa no processo de construção de sentidos para a designação e a quem ela remete. No percurso dos discursos que analisamos, o Locutor (L) assume a palavra como locutor-candidato, locutor-presidente, locutor-ex-mandatário e usa largamente a palavra *companheiro*. As cenas enunciativas que os acontecimentos configuram os sentidos dessa designação oscilam entre o estabelecido nos dicionários e as potenciais acepções.

Não encontramos nos dicionários, uma definição para o verbete *companheiro* relacionado ao significado político-ideológico (de esquerda); em apenas um deles, (AULETE, 2007), há uma acepção com esse sentido, mas no verbete *camarada*. Para que o consultor de dicionário chegue a esse significado,

terá de fazer a prática de palavra-puxa-palavra (SCHERER; PETRI, 2016; SILVA, 1996). O percurso deste trabalho nos permite dizer que os discursos políticos de Lula inauguram outro espaço para a palavra (discurso de posse no Senado) e atribuem a ela um sentido novo no Brasil, que tem relação com o seu percurso histórico. Além disso, percebemos que, predomina, na enunciação de Lula, *companheiro* com sentido político. E que o uso da designação parece não se mostrar tão intenso em outros líderes petistas ou esquerdistas.

Não sabemos o que pode acontecer com o uso de uma palavra. Diante disso, será que esse novo sentido entrará nos dicionários? Talvez. Pode ser também que o imaginário social possa particularizar Luís Inácio Lula da Silva com a designação “Lula, o companheiro” ou “Lula, o presidente companheiro”, fazendo uma analogia com “Alexandre, o grande”, “Izabel, la católica”, “Alfonso, el sábio”, entre outras. Observemos que a especificação é dada em relação ao nome. Mas, recordemos que Lula é um “apelido” familiar, da infância, que foi incorporado ao nome pela sociedade, de modo que seu funcionamento determina nome e sobrenome. Lula é o que significa socialmente. Queiroz (2009) faz um estudo interessantíssimo sobre o nome próprio “Luís Inácio Lula da Silva” e conclui que Lula funciona primeiramente como apelido e depois como sobrenome, já que passa a integrar o nome jurídico dos descendentes dessa pessoa. Para a autora,

Então, o sobrenome Lula funciona como uma determinação da determinação, pois é marcado por uma determinação não só lingüística que distingue um Luiz Inácio Lula da Silva de tantos outros “Luiz Inácio”, mas também é marcado por uma determinação histórica que produz memória. (QUEIROZ, 2009, p. 356).

Teríamos um nome-apelido que se ressignifica socialmente e passa a ocupar um *status* de sobrenome. A designação imaginada “Lula, o companheiro” ou “Lula, o presidente companheiro” ocorreria a partir do sobrenome (apelido anteriormente) e não do nome Luís Inácio, como ocorre em designações conhecidas “Alexandre, o grande”, por exemplo. Essa designação conjugaria alguns sentidos para *companheiro*, sendo alguns já estabilizados no dicionário

como também o sentido potencial. O presidente que compartilha o pão com o povo, que acompanha o povo, que se une e se iguala a ele, que se solidariza com ele; que é de esquerda; que também fez alianças com quem era e com quem não era de esquerda.

Referências

ALENCAR, Kennedy. Lula quer debater Alca com 'companheiro Bush'. *Folha de São Paulo*, Brasília, 17 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u40603.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2019.

AULETE, Francisco Julio Caldas. *Aulete digital*. 2007. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 5 maio 2018.

AULETE, Francisco Julio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BRASIL. Presidência da República. *Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse*. Brasília, 2007.

BRASIL. Presidência da República. *Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional*. Brasília, 2003.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Santos: Brasília, 1974.

CEREJA, Willian. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 201-220.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 51, p. 49-68, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. A linguística é uma ciência histórica? *In*: BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008. p. 9-15.

GUIMARÃES, Eduardo. A marca do nome. *RUA*, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 19-31, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Commercio, 1955.

QUEIROZ, Érica Karine Ramos. O funcionamento semântico-enunciativo do nome próprio. *Síntesis*, Campinas, SP, v. 14, p. 344-359, 2009. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/1233/917>. Acesso em: 17 maio 2018.

SCHERER, Amanda Eloina; PETRI, Verli. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans (org.). *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 359-373.

SILVA, Mariza Vieira. O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. *In*: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli (org.) *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 151-162.